



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTE**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

MF = 8,7  
JOM

**O INGRESSO NO CANGAÇO:**  
**As diferentes interpretações sobre as motivações**



**TÁCITO AUGUSTO SILVA LEITE**



**O INGRESSO NO CANGAÇO:**

**As diferentes interpretações sobre as motivações**

*Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, ministrada pela Professora Denise Mattos Monteiro, do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação da professora Maria Emília Monteiro Porto.*

10,0  
Mestre:

*"Da ignorância do passado nasce fatalmente a incompreensão do presente".*

MARC BLOCH

"Apologie pour l'histoire ou Métier d'historien"

Cap. I, VII.

Ao meu pai Francisco das Chagas Vasconcelos Leite, por ter como uma das missões de sua vida o meu ingresso na universidade.

Ao meu avô Natanael, conhecedor dos sertões no período de Lampião, que tantas estórias de cangaceiro me contou na infância. Foi quem me despertou a curiosidade para o tema e a quem dedico esta monografia.

## AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado essa oportunidade na vida, aos meus pais por terem me incentivado a ingressar na universidade e a quem direta ou indiretamente me ajudou na conclusão desse trabalho.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	07
<b>Capítulo 1 - TERRA E PODER</b> .....	12
<b>1.1 - Antecedentes do Banditismo Social</b> .....	12
<b>1.2 - Igreja e Estado</b> .....	14
<b>Capítulo 2 - CAUSAS DO APARECIMENTO DO CANGAÇO</b> .....	16
<b>2.1 - Causas Socioculturais do Cangaço</b> .....	16
<b>2.2 - Causas Políticas e Econômicas do Cangaço</b> .....	18
<b>2.3 - Causas Políticas e Econômicas no Rio Grande do Norte</b> .....	19
<b>2.4 - Fatores Climáticos</b> .....	20
<b>2.5 - A Origem Mítica do Cangaço</b> .....	24
<b>Capítulo 3 - ANÁLISE E CONFRONTO DAS IDÉIAS DOS AUTORES</b> .....	27
<b>CONCLUSÃO</b> .....	32
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	36

## INTRODUÇÃO

A virada do século XIX para o século XX marca um período de transição e transformações, principalmente na sociedade e na economia, com a mudança do centro produtor mundial de manufaturados da Inglaterra para os Estados Unidos da América dando uma reviravolta na economia mundial. No plano social ocorreu a intensificação e maior disseminação nos meios de comunicação dos ideais socialistas que antecederam a I Guerra Mundial, da qual o Brasil participou. O intercâmbio cultural com as levas de imigrantes de várias partes do mundo para o Brasil, ajudaram a aumentar as informações enriquecendo, no futuro, as trocas culturais.

O Brasil encontrava-se imerso na Primeira República, período melhor definido por sua característica de transição. Antes dessa transição, a Monarquia instituída em 1822 se ofereceu como único modelo político capaz de manter intocável o latifúndio escravista e preservar os privilégios da elite rural, enquanto as transformações aceleradas da economia, da sociedade e das tradições se apresentavam como reflexo das mudanças ocorridas em um mundo em relação ao qual o Brasil estava atrasado. Essas transformações do Império para a República iniciaram-se com a abolição do trabalho escravo definindo a passagem para as relações capitalistas de produção.

O Imperialismo e o Neocolonialismo imposto pelos Estados Unidos da América passou a ditar regras políticas e econômicas ao Brasil, então independente, o que mudou o eixo de submissão brasileira da Europa para a América. A virada do século XIX para o XX também ficou caracterizada como o início do processo de industrialização no país, tendo como matriz social da burguesia industrial a chamada burguesia cafeeira.

A República herdou da Monarquia um grande desequilíbrio financeiro, com maiores gastos com as importações do que podia pagar. No final do século XIX as despesas com a manutenção urbana e o desenvolvimento industrial eram altas: aumento das redes ferroviárias, melhoria e ampliação dos portos, instalação de novas fábricas, entre outros itens. Com a abolição aumentou o déficit do Tesouro Nacional pois os fazendeiros passaram a precisar de dinheiro em forma de empréstimo para a remuneração da nova força de trabalho assalariado.

As mudanças ocorriam perpetuando as suas bases estruturais agrárias: “*A agricultura continua a ser o principal setor da economia, e em 1920 ela ainda ocupa 66,7% da população economicamente ativa do país*”.<sup>1</sup>

A situação do campo se agravou principalmente após 1888, quando uma grande quantidade de escravos alforriados foi aumentar a massa de famintos. Desapropriados de meios de produção e sem formação técnica para ingressar na indústria, esses foram relegados à marginalidade.

Outra característica dos últimos anos do século XIX foi a disparidade regional do país, com reflexos na população e economia, passando o Nordeste para segundo plano dentro do contexto nacional e passando para o primeiro o Sudeste, na época polo industrial e financeiro.

Portanto, o objeto deste estudo concentra-se no sertão do Nordeste brasileiro e o corte temporal específico compreende-se entre 1900 e 1930, período em que temos um maior número de bandos de cangaceiros atuando simultaneamente nas diversas regiões do Nordeste, além de ser o período em que Lampião mais espalhou medo e admiração pelo sertão. Conseqüentemente, é sobre esse período que se tem um maior número de bibliografia disponível para estudarmos. Apesar de nos aprofundarmos no período compreendido entre 1900 e 1930, vamos encontrar algumas informações valiosas para o estudo do tema, recuando à 1880 quando se têm os primeiros relatos das atividades de bandidos no sertão brasileiro e nos prolongaremos até 1940 quando cessaram as atividades do cangaço com a morte de Curisco, último sucessor de Lampião, dois anos após a morte desse.

O presente trabalho trata das diferentes interpretações sobre as motivações para o ingresso no cangaço, apresentadas na bibliografia nacional e estrangeira. As principais motivações para a entrada no cangaço, que a bibliografia trata, são: sociais, políticas, culturais e religiosas. Entretanto, veremos que essas motivações e suas causas vão ter origens bem além do período estudado, e muitas vezes uma causa não pode ser dissociada da outra.

---

<sup>1</sup> LINHARES, M. Y. História geral do Brasil. p.167.

O tema do Cangaço<sup>2</sup> no Sertão Nordestino vem sendo tratado por duas correntes de pensamento distintas. Uma trata o tema aparentemente de maneira fria e imparcial, levando o banditismo social a ser visto muitas vezes como cruel e implacável. Essa corrente de pensamento é compartilhada geralmente por autores estrangeiros, particularmente Hobsbawm<sup>3</sup> e Chandler<sup>4</sup>. Esses têm uma base de estudo mais rígida e não compartilham dos sentimentos nacionais, muitas vezes não captando as mesmas impressões que os autores brasileiros, além de fazerem constantemente comparações com exemplos semelhantes dos EUA e de outros países do mundo, que aparentemente podem agir de maneira semelhante, mas as circunstâncias e as consequências além da conjuntura nacional, serem outras. Chandler atribui as origens do cangaço às questões sócio-políticas que vão ter suas sementes plantadas ainda no período colonial.

A outra corrente de pensamento é mais branda e romântica em suas afirmações. Vê o fenômeno do cangaço como uma forma de defesa do sertanejo contra o banditismo político e à situação desesperadora em que viviam, além da falta de justiça, pois a polícia estava sempre do lado do mais forte, rico e poderoso, que certamente não era o mesmo lado do camponês.

Nosso objetivo geral é então discutir estas duas posturas historiográficas, mantendo como hipótese de trabalho a consideração de que existe uma base econômica e social dos setores envolvidos no cangaço que é determinante para a compreensão do fenômeno e que a construção mítica em torno do fenômeno, ou seja, a imagem do cangaço como parte de

<sup>2</sup> A respeito da palavra cangaço temos diversas interpretações sobre a sua origem porém, apesar de algumas pequenas diferenças, elas procuram convergir para as seguintes interpretações:

a) Etimologicamente, deriva provavelmente da palavra canga, utilizada a fins do XIX para designar todo homem fortemente armado. O cangaceiro é aquele que carrega nas costas seu próprio armamento e equipamento, como o gado carrega seu jugo. Ele está sob o Cangaço.

b) Nos primeiros tempos, o termo cangaceiro nomeava todo grupo de homens, que armados e pagos participavam da guerra contra as tribos indígenas para aumentar as zonas de pasto.

c) Com a Independência, uma segunda utilização do termo cangaceiro se desenvolve no momento das grandes lutas entre chefes locais. Designam os homens armados dos "clãs políticos" em luta, cada clã possui sua milícia privada, seus bandos de cangaceiros, compostos pelos membros mais eminentes da parentela, por cabras, capangas ou jagunços, que se organizam de acordo com as circunstâncias.

d) Foi também utilizado para nomear os integrantes dos bandos permanentes, que a partir da segunda metade do século XIX percorreram o Sertão.

e) Se a palavra cangaceiro comporta este sentido de carga de armamentos e pode se estender a realidades sociais diversas, o Cangaço se aplica a um único modo de vida: o dos bandos nômades que vivendo da pilhagem se afastam gradualmente das lutas de famílias(exs: Antônio Silvino e Lampião, que serão no imaginário coletivo os heróis lendários).

<sup>3</sup> HOBBSBAWM, E. Rebeldes primitivos. p.238.

<sup>4</sup> CHANDLER. B. Lampião rei dos cangaceiros. p.289.

um momento revolucionário fundamental para a identidade brasileira, trata-se de uma construção ideológica. A nossa idéia para a elaboração da monografia não é apontar qual foi o principal motivador do cangaço e porque; e sim, utilizar todas essas motivações apontadas pelos diversos autores para tentarmos configurar uma idéia mais ampla e abrangente para o ingresso dos indivíduos daquela sociedade sertaneja, no cangaço. Com esse trabalho tentaremos mostrar as visões de diversos autores sobre as motivações do cangaço, mostrando de que maneira essas diversas motivações apresentadas se tornam indissociáveis umas das outras. O cangaço é constantemente associado a banditismo (atividade realizada por bandidos), portanto, outra idéia que tentaremos mudar e que já se encontra impregnada no imaginário da sociedade. É a visão errada que se criou com relação a bandido ser sinônimo de pobreza e marginalidade, onde passa-se a acreditar que se o indivíduo é pobre automaticamente está propenso a ser bandido. É certo que a maioria dos cangaceiros eram pessoas de origem humilde, mas acontecia que mesmo vindo da pobreza, para muitas pessoas, esse não foi o fator preponderante por se decidir pela vida de cangaceiro. Dessa forma tentaremos identificar os motivos, além da pobreza, para se tornar um cangaceiro.

Chandler será utilizado como referencial teórico por ter sido o autor que menos dissociou uma causa da outra, buscando as origens desse movimento nas origens da própria formação da nossa sociedade. As idéias sociais, políticas e culturais da formação do cangaço são também retratadas de maneira a corroborar com Chandler, por Hobsbawm e Facó<sup>5</sup>. O presente trabalho encontrar-se-á dividido em três etapas. A primeira irá contextualizar o cangaço no mundo e no Brasil da época; dar uma visão das relações existentes entre a posse da terra e o poder que ela atribui ao seu possuidor; mostrar as relações entre a Igreja e o Estado e mostrar como o tema vêm sendo tratado na bibliografia existente. Numa segunda etapa estudaremos as motivações diversas apontadas pelos autores que, para facilitar a compreensão, resolvemos agrupar em quatro grandes grupos abordando as seguintes motivações: sociocultural, político-econômica, fatores ambientais e por último a origem mítica do cangaço. Na terceira etapa analisaremos as motivações do cangaço apontadas por esses quatro grupos de autores e faremos o relacionamento entre elas para configurar uma origem abrangente, verificando de que maneira uma motivação está dissociada, ou não, da outra.

---

<sup>5</sup> FACÓ, R. Cangaceiros e fanáticos. p. 231.



A bibliografia existente trata muito pouco a respeito das causas, origens e motivações da cangaço, embora seja bastante rica em detalhes e informações a respeito do cotidiano e das lutas.

## Capítulo 1 - TERRA E PODER

### 1.1 - Antecedentes do Banditismo Social

Uma das origens do banditismo social remonta aos tempos coloniais. A divisão do Brasil em capitanias hereditárias e as concessões de sesmarias, quase sempre de tamanho superior ao que o sesmeiro teria condições de explorar, deram origem aos latifúndios atuais. O monopólio da terra, aliado ao domínio imperialista sobre alguns ramos da economia do país, frearam o nosso desenvolvimento.

O sertão nordestino foi “descoberto” no século XVII com as jornadas bandeirantes ao interior, e posterior à conquista da costa Norte-Sul. Dessa forma, o *“fazendeiro que possuía terras, era um potentado do sertão igual em seu mundo ao senhor de engenho do litoral. Ele governava seus dependentes com mão de ferro ...”*.<sup>6</sup> Desse modo as populações sertanejas ficaram a mercê do discernimento dos fazendeiros do interior, mesmo com a queda do domínio português e a Independência do Brasil, pouco ou quase nada alterou este fato.

A economia monocultora escravista, aplicada no monopólio da terra, era voltada para a exploração, limitando o desenvolvimento interno do país e suas forças produtivas. O trabalho escravo fez com que o surgimento do trabalho livre assalariado fosse tardiamente, em comparação a outros países do mundo na época, implantado no Brasil, deixando marcas expressivas principalmente no Nordeste brasileiro, onde ainda se encontram vastas áreas do interior com trabalhadores em condições de trabalho semi-servil.

O monopólio da terra também foi responsável pelo isolamento de quase quatro séculos das populações rurais do interior Nordestino, promovendo o analfabetismo e a ignorância sobre o mundo exterior e no qual a única forma de consciência era trazida pela religião ou seitas originadas nas próprias comunidades, variantes da religião católica.

Existiram expressivas vozes do final do século XIX para início do século XX que lutaram para que a pequena propriedade pudesse ser produtiva, tirando da miséria os menos afortunados, e que foram os responsáveis pelos esforços, na época, contra o

---

<sup>6</sup> CHANDLER, B. Op. cit. p.21.

monopólio da metrópole. O Nordeste desenvolvia-se lentamente até 1930. Nos períodos de seca as cidades serviam apenas como ponto passageiro para os famintos refugiados do Sertão.

As indústrias não tinham condições de absorver tamanha demanda de mão-de-obra, sobrando para essas famílias a fome, o descaso e as doenças que adquiriam devido às péssimas condições de vida que levavam, mendigando às margens dessas cidades.

A situação Nordestina se agravou a partir da segunda metade do século XIX, quando a economia nacional se transferiu para o Sul do país, levando consigo os investimentos disponíveis da nação, além de atrair o imigrante estrangeiro para a nova região do país que se desenvolvia. Para lá também foram os nordestinos fugindo das secas a procura de uma vida melhor. A produção açucareira do Nordeste, já decadente, entra numa profunda crise como reflexo do resto do país. Com a migração das populações nordestinas para trabalhar nas indústrias do Sudeste, a abolição da escravidão negra e as levadas de imigrantes estrangeiros, a força de trabalho tende a se concentrar no Sul e Sudeste, debilitando a produção das usinas de cana-de-açúcar do Nordeste.

Para reverter esse quadro, os latifúndios locais exerceram fortíssima pressão sobre os pequenos cultivadores, muitas vezes apropriando-se de suas terras, forçando-os a trabalhar em seus latifúndios. Com o advento das agroindústrias no Nordeste brasileiro, os pequenos e médios produtores de cana-de-açúcar, falidos principalmente após 1888, se renderam aos novos senhores vendendo-lhes suas terras ou fornecendo-lhes a cana-de-açúcar.

Além da fome, falta de trabalho, falta de saúde e sem condições mínimas para sobreviver, a situação se agrava com as secas periódicas que assolaram o sertão nordestino, principalmente nos anos de 1888-89, 1893, 1900 e 1915. Só na grande seca de 1877-1879 morreram cerca de 300 mil pessoas.

Com a queda do Império não existiu mais nomeação para presidente de província, que era imposto pelo rei e tinha que ser aceito pelas famílias poderosas da região, como formas de apaziguá-las. Então quem vai assumir o poder nessas regiões, agora Estados Federais, são essas mesmas famílias, quase sempre fazendo uso da força e influência sobre as regiões. Em estados importantes como São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, o partido político atuou como mediador entre as famílias que disputavam o poder do

estado, dessa forma o poder federal consegue manter seus interesses, "o status quo federal".<sup>7</sup>

Com o estabelecimento da República, permitiu-se que as diversas oligarquias ascendessem ao poder em seus âmbitos locais e regionais, passando a controlar a máquina político-administrativa e construindo mecanismos para garantir sua perpetuação no poder, sendo esta a essência do Coronelismo.

No caso da luta se travar em pequenos estados, o Governo Federal se limitou a observar os conflitos, que geralmente acabavam em massacres. Após ser determinada a facção vencedora, fazia-se um novo pacto oligárquico entre a oligarquia local e a estadual e/ou federal.

O cidadão continua ausente da vida política, servindo apenas como legitimador das decisões das elites oligárquicas. O coronel possui suas raízes na posse da terra, é aquele que protege, socorre e sustenta seus empregados, por sua vez, pede em troca lealdade, obediência e até mesmo suas vidas.

## 1.2 - Igreja e Estado

A Igreja desde que chegou ao Brasil, no período Colonial, era controlada pelo Estado. Os párocos eram tratados pela Constituição Brasileira como funcionários civis, incorrendo sobre esses as mesmas regalias e sanções. No entanto, as relações entre Estado e Igreja já não eram tão estreitas quanto no passado distante. A Igreja católica estava naquele momento desgastada, principalmente após a questão religiosa de 1872, quando o Bispo D. Vital, em Olinda, opõe-se a uma missa que seria celebrada a mando da maçonaria, tendo sido preso à mando do Imperador.

Os padres brasileiros do período da Colonização, eram bem mais ligados ao material e as coisas terrenas que a Deus e as coisas celestes. Nada ou muito pouco os diferenciava dos outros homens de sua época, com defeitos e qualidades, alguns participando de movimentos revolucionários e abolicionistas. Em sua maioria procuravam a vida cômoda das fazendas, casavam, constituíam família, tinham escravos e lutavam por estes.

---

<sup>7</sup> LINHARES, Y. Op. cit. p.212.

O alto clero se diferenciava e se distanciava do baixo clero por estar mais ligado à administração e à Roma, tendo pouco ou nenhum contato com o povo e seus problemas cotidianos, fato que não exclui também a ligação desses com as coisas materiais e terrenas. Já os padres do baixo clero viviam no meio do povo identificando-se com eles, o que seria natural, vivendo seus problemas e aflições, aproximando-se cada vez mais do povo e afastando-se da Igreja.

Segundo Leôncio Basbaun (1968), não se deve, pois, exagerar a influência da questão religiosa na queda do Império. Como vimos, no Brasil Colônia jamais a Igreja apoiou o Trono, nem este jamais buscou o seu apoio.

Alguns movimentos brasileiros dos séculos XIX e XX estavam ligados diretamente à questão social e movidos pelo lado místico-religioso das classes pobres, principalmente do sertão do Nordeste brasileiro. Entretanto esses movimentos visavam mais uma forma de sobreviver dignamente do que uma forma de protesto contra a ordem social vigente. Temos exemplos como: Canudos, liderado pelo Beato Antônio Conselheiro na Bahia entre os anos de 1893-1897; o fenômeno Padre Cícero em Juazeiro, no final da década de 1880; Contestado, liderado pelo monge José Maria entre os anos de 1912-1916 no Sul do país; e menos conhecido temos Caldeirão, no município do Crato, liderado pelo Beato José Lourenço por volta de 1922.

O tratamento dispensado pelo Governo e suas ações militares a esses agrupamentos organizados de camponeses pobres e famintos que estavam "dando a volta por cima" e estavam conseguindo sobreviver e prosperar sem a ajuda governamental, revela o temor das classes dominantes à organização e à libertação do homem do campo, o eterno escravizado. Contra essa libertação do camponês valiam todas as armas e estratégias de acusações, e até os massacres eram justificáveis.

## Capítulo 2 - CAUSAS DO APARECIMENTO DO CANGAÇO

### 2.1 - Causas Socioculturais do Cangaço

O banditismo é uma forma bastante antiga de protesto social. Ele sai do eixo da população rural em momentos em que ela se acha oprimida e sem meios políticos atualizados para reverter esse quadro<sup>8</sup>. As populações de onde saíram os bandidos se percebiam do mesmo lado político em que os bandidos se encontravam, ou seja, elas não tinham seus direitos constitucionais atendidos, direito a saúde, morada, alimentação, justiça, etc.

O estado tinha leis constitucionais e os camponeses tinham leis culturais e regionais (leis de costumes). As leis eram criadas pelo Estado, mas não se aplicavam plenamente a determinadas regiões distantes e específicas: se o criminoso contrariasse as leis locais, as leis de costumes, ele certamente não seria protegido por aquela população, se era, era porque o criminoso cometera um "crime honrado" que para a população local significava um acerto de contas. Esse acerto de contas ou melhor, a justiça, muitas vezes era incapaz de ser realizado pela polícia, por menosprezar o pobre ou pelo fato do infrator do crime ser um Coronel ou similar ou uma pessoa protegida por um.

Por que os sertanejos teriam que seguir as leis criadas pelos governantes que os desprezam e os abandonam à sua própria sorte sem a ajuda do governo, passando fome e vivendo miseravelmente de maneira indigna e sendo objeto de disputas políticas?

Por esses motivos expostos acima, se as oligarquias e o Estado permitissem, alguns ex-bandidos poderiam facilmente se reintegrar às sociedades camponesas e viver normalmente como um, já que para a sociedade sertaneja os ex-bandidos não haviam cometido crime algum, ou melhor, teriam cometido um crime honrado. Conforme Hobsbawm<sup>9</sup>, o banditismo é um fenômeno pré-político e sua força estaria na proporção inversa da força dos movimentos revolucionários agrários organizados do socialismo ou comunismo.

Em *História da Sociedade Brasileira*, Alencar expõe idéias que vão corroborar as de Hobsbawm no campo social, quando afirma que:

<sup>8</sup> HOBBSAWM, B. Op. cit. p.23.

<sup>9</sup> Ibidem. p.238.

*"...como fenômeno social, o cangaço foi uma manifestação de revolta, não organizada em termos políticos, dos oprimidos contra os opressores. Por isso, conquistava a simpatia da população pobre"<sup>10</sup>.*

Dessa forma Alencar deixa claro que os "bandidos" eram protegidos e apoiados pela população local, e que não tinham uma organização política nem caráter reformista.

Outros motivos expostos por quase todos os autores consultados, e que ainda hoje vigoram nas regiões mais longínquas do sertão nordestino é a vingança a alguma desfeita ou à morte de algum parente no qual tenha o agressor ficado impune pela justiça constituída. Tal fato ocorre onde a lei é fraca, falha e normalmente está do lado de algum coronel ou político forte da região. Foram comuns os casos onde o proprietário de uma fazenda encontrava gado de outras propriedades pastando nas suas terras, bastando esse motivo para dar início a uma disputa entre famílias. Para "apimentar" mais a situação bastava as partes envolvidas serem inimigas políticas ou as famílias terem rixas desde seus antepassados. Normalmente essa situação terminava com a morte de uma ou mais pessoas envolvidas e com a passagem para "as margens da lei" das partes envolvidas no delito.

Vale ressaltar que se tornavam fora-da-lei os infratores que não fossem do lado político dominante da região, porque se fossem, os coronéis ou políticos protetores dos seus "cabras"<sup>11</sup> iriam interferir nas atribuições da lei e o caso seria dado por encerrado.

Para se ter idéia de como viviam a maioria dos sertanejos da época, Maciel nos conta que:

*"A alimentação era carencial, segundo os padrões científicos da dietética. Entretanto sadia. Que unida ao clima seco e ao gênero de vida dura, enrijece o corpo e firma o espírito, tornando o sertanejo antes de tudo um forte, frase clássica"<sup>12</sup>.*

Sobre a habitação Maciel comenta que era:

<sup>10</sup> ALENCAR, F. História da sociedade brasileira. p.204.

<sup>11</sup> MACIEL, F. Lampião: seu tempo e seu reinado. p.184. Em seu livro, Maciel utiliza as próprias definições de Lampião para definir: Capanga(ou Cangaceiro Manso) como assalariado permanente do crime, a serviço do Coronel; o pistoleiro era o profissional do crime ocasionalmente; o Cangaceiro era o injustiçado rebelado e o Bandido de Gravata ou Encapado eram os de posição sócio-econômica e política, que pela visão de Lampião eram os responsáveis por crimes piores que os seus.

<sup>12</sup> Ibidem. p.39.

*"Em geral, de casas de taipa, coberta de telha vã; fogão de trempe de pedra, alimentado de lenha, graveto e maravalhas; dormia em zidoras ou no chão forrado de esteira de piriri, talos de bananeira ou palha de carnaúbas".<sup>13</sup>*

## 2.2 - Causas Políticas e Econômicas do Cangaço

Aqui não vamos nos ater às causas remotas que prepararam o terreno para que no final do século XIX se configurasse o cangaço. Vamos expor apenas as causas contemporâneas do período estudado, que tiveram contribuição direta para o cangaço.

Segundo Facó<sup>14</sup>, o cangaço era fruto do nosso atraso econômico, era uma componente natural do nosso processo evolutivo, demonstrando o quanto estávamos atrasados e que deveríamos evoluir. Assim como outros autores, Facó defende essa origem porque ela está intimamente ligada aos processos evolutivos da nossa nação desde o seu período colonial. Foi com o monopólio da terra que teve início o processo que eclodiu no final do século XIX no sertão nordestino, em movimentos milenaristas e banditismo social.

A República que sucedeu ao Império, criou uma máquina política que ao se instalar nos sertões iria garantir que o "Coronel" local votasse a seu favor. Em troca os "Coronéis" tinham garantido a não interferência do Estado em seus domínios.

Se antes as oligarquias mandavam e desmandavam porque o Império não havia criado as condições de controlá-los e nem o pretendia, com a República, elas continuaram com as mesmas práticas, só que acobertadas pelo Estado que passou a ter meios para controlá-los dentro de um objetivo de ordem.

A criação da República veio piorar as condições do sertanejo que antes contava com o apoio e proteção do "Coronel" que tinha força suficiente para isso. Com a descentralização criada pela República, os potentados do Sertão tiveram seus poderes fragmentados. Com isso os agregados desses potentados temiam não mais poder contar com a justiça imposta por esses coronéis às comunidades, devido ao enfraquecimento do seu poder. Por outro lado, as instituições do Estado eram notoriamente fracas no Sertão e incapazes de exercer suas funções sem sofrer influências das facções locais que contavam com o apoio do Estado.

Como bem explica Chandler:

---

<sup>13</sup> Ibidem. p.40.

<sup>14</sup> FACÓ, R. Op. cit. p.30.

*“Sem encontrar garantia de proteção, nem do patrão, nem do Estado, muitas dessas povoações do sertão se transformaram em verdadeiras selvas, onde cada um lutava por sua sobrevivência. Parece, portanto, certo que o aparecimento do cangaço esteja intimamente ligado a este estado de desorganização social”.*<sup>15</sup>

De certa forma Chandler compartilha da mesma idéia de Facó, colocando o aparecimento do cangaço vinculado a uma desorganização social, demonstrando o quanto estávamos atrasados.

Para Alencar *“os cangaceiros diferenciam-se dos capangas ou jagunços, por esses serem assalariados do crime, lutando a serviço dos coronéis que pagassem mais”.*<sup>16</sup> Entretanto, é sabido por todos que o próprio bando de Lampião foi “contratado” pelo Estado para combater a Coluna Prestes, e quem fez a transação foi o próprio Padre Cicero. Não cabe aqui discutir denominações para as duas atividades, cabe mostrar qual é a diferença fundamental entre ambas: existiram bandos autônomos que combatiam por objetivos próprios, e outros bandos eram mercenários e os seus objetivos eram impostos por quem lhes pagava, até mesmo o Estado.

Para demonstrar quão falha era a justiça no sertão, justiça essa que estava subordinada à facção “abençoada” pelo Estado, ou seja, os coronéis, veremos um trecho de Maciel que fala por si só:

*“...Virgulino crescera e fora educado para o trabalho, o bem, o amor, a poesia (...) Pegara em armas, não se definindo para o cangaço, mas para substituir, com recursos da vingança, as recusas de uma justiça falha...”.*<sup>17</sup>

### 2.3 - Causas Políticas e Econômicas no Rio Grande do Norte

Segundo Silva, no Rio Grande do Norte se acompanharmos os jornais de 1889 vamos observar:

*“As vinculações das secas e a utilização dos socorros públicos com a vida política do Estado. Os textos não sugerem mudanças econômicas: ao*

<sup>15</sup> CHANDLER, B. Op. cit. p.25.

<sup>16</sup> ALENCAR, F. Op. cit. p.203.

<sup>17</sup> MACIEL, F. Op. cit. p.84.

*contrário, denunciam o funcionamento de um sistema oligárquico, que impede o uso adequado das verbas para o socorro público...".*<sup>18</sup>

Isso demonstra o descaso total dos poderes públicos para com seus conterrâneos do interior. As populações rurais, sem opções de socorro só tiveram ajuda dos poderes governamentais para amenizar os problemas advindos da seca. Quando os poderes públicos se negaram a ajudar, a oferecer-lhes as soluções para os problemas do sertão, que era obrigação do Estado, estavam também fazendo com que o sertanejo se tornasse mais vulnerável às ideologias anti-governamentais e passassem a contestar a utilidade dos poderes constituídos, e por tabela contestar suas leis.

Silva<sup>19</sup> deixa transparecer em seu livro uma passagem na qual Eloy de Souza, figura política Norte-rio-grandense do final do século XIX início do século XX, tenta expor a necessidade de verbas para resolver os problemas do sertão em períodos em que não haja seca, verbas utilizadas em ações corretiva. Entendia que era necessário resolver o problema antes que ele se apresentasse, caso contrário a verba seria utilizada em caráter de socorro, caracterizando uma ação paliativa, incorrendo em má utilização da verba e a não solução do problema. Ele expõe ainda, que não deve existir na Nação um Estado mais importante que outro, pois o crescimento dos Estados reflete um crescimento geral da Nação. Outro debate travado à nível nacional foi a utilização da mão-de-obra nordestina nos centros produtores carentes de mão-de-obra como o Sul e Sudeste do país. Eloy de Souza defendia que essa mão-de-obra poderia ser preparada antes de sair do Nordeste, enquanto as bancadas nacionais optavam em importar essa mão-de-obra pelo único motivo dela sair mais barata para a nação e melhor qualificada para o trabalho. Mais uma vez estava demonstrado o não compromisso das oligarquias e dos poderes públicos nacionais para com o camponês nordestino.

#### 2.4 - Fatores Climáticos

A região Nordeste nem sempre foi seca. Apesar de estar próxima ao Equador, não se justificam as secas por esse motivo, pois a Amazônia está mais ao Norte que o polígono

<sup>18</sup> SILVA, J. Raízes da ideologia do planejamento: Nordeste(1889-1930). p.94.

<sup>19</sup> Ibidem. p.95.



das secas e pelo contrário é uma região úmida. Diferente da Amazônia o interior do Brasil, principalmente a região Nordeste, foi desmatado para dar lugar as pastagens para o gado que foi expulso do litoral por ser incompatível com a produção da cana-de-açúcar. Foi esse desmatamento iniciado em meados do século XVI para o desenvolvimento da criação bovina, na época criação extensiva, que deu início ao nosso desmatado e seco Nordeste.

Cunha<sup>20</sup> em seu livro *Os Sertões*, deixa transparecer que a secura do sertão, o seu clima árido e vegetação rala, foram fruto principalmente das queimadas e desmatamentos realizados ao passar dos séculos, para se penetrar nos sertões sem encontrar o entrave da mata e das populações indígenas.

Incapaz de reter água por causa da falta de vegetação, e impedido pelas grandes elevações do litoral do Nordeste de receber água das nuvens que vem do mar, o Nordeste hoje conta com rios temporários, que normalmente estão secos. As médias pluviométricas são baixas, num período de chuva que dura em média cinco meses começando normalmente entre dezembro e março, se constitui outro grande problema além da irregularidade das chuvas e sua má distribuição dentro desse período, dificultando o período do plantio e colheita. Existiram grandes secas aproximadamente de 10 em 10 anos que duram normalmente uma estação, mas pode chegar a duas ou três como aconteceu de 1877-1879. A temperatura média no sertão é elevada.

A vegetação própria do sertão é rala, de pequeno porte e espinhosa, própria de uma região seca, não proporcionando frutos e nem sustento para os habitantes da região. Chandler afirma em seu texto que a sociedade que nasceu e viveu no sertão do Nordeste, também foi influenciada por esse sertão. *"Como os bandidos que surgem dos seus confins, o sertão é ameaçador"*.<sup>21</sup> As primeiras secas do Nordeste brasileiro, que seguiram a de 1877-1879 foram as de 1889-1889, 1891, 1898, 1900, 1902-1903, 1907, 1915 e 1919.

*"O banditismo geralmente florescia durante as secas mais intensas e se agravou durante o final da década de 1870. Embora já existisse em tempos normais, é muito provável que a frequência com que as secas se repetiam no fim do século XIX e início do século XX contribuiu para aumentar o nível da violência que caracterizou o cangaço. Na verdade, com a seca de 1919, o cangaço atingiu seu ponto máximo".*<sup>22</sup>

<sup>20</sup> CUNHA, E. *Os sertões*. p.68.

<sup>21</sup> CHANDLER, B. *Op. cit.* p.19.

<sup>22</sup> *Ibidem*. p.27.

Completando o pensamento de Chandler, Queiroz<sup>23</sup> afirma que voltando as chuvas desapareciam os cangaceiros, ou pelo menos a maioria, pois o modo de vida voltava ao normal. Com base nas informações do Memorial da Seca<sup>24</sup>, o problema do Nordeste é bilateral: o sertanejo, descendente dos antigos vaqueiros do Brasil colonial, acostumados com a vida nômade, continuaram fugindo das secas sem tentarem uma ação conjunta na construção de canais e meios alternativos para a irrigação como aconteceu na Mesopotâmia, Egito e Índia. É dessa forma uma questão de reeducação do povo sertanejo sobre como enfrentar e mudar a situação imposta pelo clima nordestino. A outra parte da culpa é do poder público, que após lermos o desabafo do desembargador Felipe Guerra, em 1903, revoltado com o descaso do Estado com o povo do sertão, nos deixa claro qual era a posição do Governo em relação ao Nordeste:

*"O bode e o burro têm dado mais vida ao sertão, têm concorrido mais para o seu progresso e têm amparado mais nas calamidades, do que os governos que têm abandonado aos seus próprios recursos a população sofredora das últimas secas".<sup>25</sup>*

Fica claro no Memorial da Seca, que além do descaso público existiram roubos dos recursos enviados para remediar o problema. Apesar de já existir desde o começo do século estudos a respeito do problema da seca, suas causas e prováveis linhas de ação para minimizar e até resolver o problema do sertão, essas informações nunca foram colocadas efetivamente em prática com o propósito fim de acabar com a seca por um motivo obvio: político. Os políticos hoje e os latifundiários do passado foram os que mais ganharam com o "indústria da seca" que confere a esses, controle total sobre as populações locais, manipulando a mão-de-obra e mais recentemente, no século XX, o voto.

Ainda segundo Felipe Guerra<sup>26</sup>, os recursos só vinham, quando vinham, no período de desgraça. Desse recurso, que era pouco, grande parte ia parar nos bolsos de alguns, a outra parte era usada para remediar, servindo de paliativo para o problema. Passado o pior, o problema da seca era esquecido sem se tomar nenhuma providência no sentido de se precaver para o próximo período da estiagem.

<sup>23</sup> QUEIROZ, M. História do cangaço. p.75.

<sup>24</sup> ROSADO, Ving-Un(Org.), Memorial da seca. p.230.

<sup>25</sup> Ibidem. p.232.

<sup>26</sup> Ibidem. p.233.

Para resolver o problema da seca no Nordeste que como vimos, é um dos fatores originadores do cangaço, fica bem sintetizado no pensamento de Duque(1967), exprimindo profundas e proveitosas reflexões:

*"Largo tempo foi perdido na demonstração de uma técnica sem humanismo, na implantação de princípios científicos que, embora verdadeiros, não tiveram o apoio de conceitos sociais mais simples, mais humanos e mais altruístas(...) Chegou-se à conclusão de que temos de bem considerar as regiões ecológicas, de conjugar o fomento com a educação, com a experiência e com o ensino mas, além disto, é imprescindível que os líderes do ruralismo se impregnem de um espírito messiânico, aceitem as labutas como sacerdócio e adotem uma atitude moral de persistência, de resignação e de filantropia".<sup>27</sup>*

Registra-se que *"a emigração em larga escala se inicia com a grande seca de 1877 a 1879 ..."*<sup>28</sup> onde não houve semeadura nem colheita, o gado morria e o homem para não morrer migrou para outras regiões. Anterior a essa seca foram registradas emigrações porém, eram em menor escala.

Com a emigração romperam-se as correntes latifundiárias, os fazendeiros foram obrigados a vender seus escravos para o Sul, para que esses não morressem de fome. Os moradores das fazendas, trabalhadores "livres", foram para a Amazônia que estava no período áureo da borracha, ou para as plantações de café no Sul do país. Com isso criaram-se novas relações de produção. Facó<sup>29</sup> levanta a possibilidade das lutas no sertão terem advindo dessa ruptura no sistema latifundiário.

Passado a seca, alguns nordestinos voltavam para suas terras de origem, principalmente com o declínio da borracha. Como diria um dos governadores do Ceará do início do século XX, Bejamim Barroso, citado por Facó(1991), em mensagem a Assembléia Legislativa Estadual: *"Depois que se estabeleceu a corrente emigratória para a Amazônia é que os hábitos e costumes cearenses se modificaram".<sup>30</sup>*

Devido a esse contato com novas culturas regionais, principalmente na Amazônia, foi que os sertanejos começaram a contestar o nomadismo constante para fugir da fome, criando um ambiente de solidariedade e reivindicação mútua entre os camponeses. Neste

<sup>27</sup> Ibidem. p.239.

<sup>28</sup> FACÓ, R. Op. cit. p.30.

<sup>29</sup> Ibidem. p.32.

<sup>30</sup> Ibidem. p.35.

ambiente de miséria aumentado pela seca surgiram, segundo Facó<sup>31</sup>, os grupos de cangaceiros e as seitas de místicos fanáticos.

## 2.5 - A Origem Mítica do Cangaço

Hoje em dia quando as novas gerações das populações urbanas ouvem falar de cangaço, logo vem a idéia de um grupo de indivíduos no sertão nordestino revoltados com as condições sociais que lhes são impostas, lutando com armas contra a polícia e os coronéis que os oprimiam. Roubando e até matando por "causas justas" e dividindo o fruto desses roubos com os pobres famintos, tornavam-se assim defensores dos injustiçados. Com a formação dessa imagem, dá-se a transformação do cangaço em mito.

Através da bibliografia consultada verificou-se a existência da imagem segundo a qual os bandos de cangaceiros eram na maior parte do tempo bandidos<sup>32</sup> perversos contra ricos e pobres, desde que não fossem seus amigos ou protetores. A distribuição de bens e dinheiro que atribuiu-se ao bandos como fatos honrosos na verdade existiam, mas não era regra, e quando acontecia era feita de maneira desigual e claro que a parte mais "recheada do pão" era repartida entre os chefes dos bandos. Essa atitude desigual demonstrava que não existia um ideal de justiça e igualdade de bens, e sim uma concepção paternalista tal qual praticado pelos coronéis com os seus.<sup>33</sup>

Maria Isaura Queiroz<sup>34</sup> expõe que as próprias literaturas de cordel, que são populares, demonstram a instalação, a recriminação e a crítica aos cangaceiros por parte da população. Inclusive ainda no período que compreende o cangaço, temos o movimento artístico e literário que se convencionou chamar de Pré-Modernismo, entre os anos de 1900 e 1920 que ajudou a firmar a idéia que se tem hoje sobre o banditismo social (cangaço). Antes os literatos não estavam preocupados em mostrar e estudar as realidades extremas do nosso país. Na tentativa de firmar a nossa nacionalidade, certos fatos, às vezes, foram repassados de forma romântica e tendenciosa. Foi a partir das obras produzidas deste

<sup>31</sup> Ibidem. p.37.

<sup>32</sup> Segundo o Dicionário Popular da Língua Portuguesa. 5<sup>o</sup> ed. de 1965.p.185, bandido é sinônimo de saltador; homem que fugindo à justiça, vive de roubo.

<sup>33</sup> Lembrando que os pobres protegidos pelos bandos e pelos coronéis não eram todos em geral e sim, aqueles que os apoiavam e os auxiliavam.

<sup>34</sup> QUEIROZ, M. Op. cit. p.75.

período em diante, como *Os Sertões* de Euclides da Cunha, que passou-se a retratar a realidade do sertão nordestino.

O tema do cangaço, de fenômeno regional ocupou um papel nos romances, filmes ou peças de teatro, apropriando-se da imagem do cangaceiro e difundindo o tema. Lima Barreto no filme *Os Cangaceiros*, apresentado no Festival de Cannes em 1953, no lugar da imagem asséptica do índio construída pelo Romantismo, passa a do Cangaceiro como símbolo da “brasilidade”, com uma representação idealizada dos bandidos como símbolo de liberdade, identidade nacional ou força oculta dos oprimidos, construída em certos meios intelectuais da época. A imagem do cangaceiro se adapta conforme os autores e/ou a época, alternando-se entre representações contraditórias: do bandido sanguinário ao bandido social, do justiceiro ao vilão sem escrúpulos.

Dessa forma, principalmente a partir da década de 50 em algumas cidades do Sul e Sudeste do Brasil, começava-se a encarar o cangaço como um símbolo de nacionalidade, a exemplo do jornalista pernambucano Assis Chateaubriand que estabeleceu a “Ordem do Cangaço”, designada a premiar brasileiros e estrangeiros que dessem provas, em feito, de seu amor e devotamento ao Brasil <sup>35</sup>.

A apropriação do cangaço para ajudar na afirmação da nacionalidade brasileira se deu em um período em que o Sul do país estava sendo bombardeado pelo capital estrangeiro, num processo de industrialização. Nesse mesmo período se dava a chegada cada vez maior de estrangeiros. Nessa construção da nacionalidade, se deu o estudo do cangaço por equipes multidisciplinares. Na compreensão do tema, esse se enriquece com significados múltiplos, muitos deles originários do imaginário social, que passaram a enriquece-lo. Vale salientar que a ênfase dada não foi no justiceiro e sim na idéia de nacionalidade, onde as indumentárias próprias do cangaço, por vezes feita por suas próprias mãos, com seu estilo de vida característico, seu vocabulário próprio, e principalmente a idéia de homem forte, destemido e corajoso, fizeram desse personagem dos Sertões nordestinos a personificação e a idealização do brasileiro.

Nas palavras de Queiroz temos que:

*“A 'brasilidade' do cangaceiro adquiriu maior significado numa época em que a imigração estrangeira, ao Sul do Brasil, se intensificava. Contra a 'invasão'*

---

<sup>35</sup> Ibidem. p.66.

*do estrangeiro erguia-se a figura do cangaceiro, 'guardião' dos valores nacionais".<sup>36</sup>*

Encarando a mitificação do cangaço dentro de um contexto nacional vemos que se opõe o Sul, rico e em processo de rápida expansão industrial e absorvedor de levas cada vez maiores de imigrantes, e o Norte-Nordeste, pobre e sem incentivos para o desenvolvimento industrial. Dentro desse contexto o cangaço figura como símbolo nacional, onde a valorização da:

*"(...)figura do cangaceiro constitui então uma compensação ideológica para os nordestinos e nortistas. O Sul é rico e próspero porém, está adulterado pela invasão estrangeira e é escravo dos capitais internacionais. Os hábitos dos sulistas não são mais tradicionais e por isso reinam entre eles a imoralidade e a dissolução dos costumes".<sup>37</sup>*

Observando o trecho acima vemos que a valorização do cangaço veio de certa forma tentar minimizar os problemas sofridos pelos estados do Nordeste e até do Norte, onde sua população poderia questionar a miséria que vivia, mas poderia se vangloriar por serem autênticos brasileiros. Porém "*o cangaceiro não desencadeou uma tomada de consciência dos problemas pelo contrário, deu margem a uma apreciação subjetiva deles*".<sup>38</sup> O conhecimento que a partir de então se passou a ter sobre o cangaço ultrapassou toda a documentação existente sobre eles, justamente porque esse conhecimento passou a ser apreendido de maneira simbólica. O conhecimento popular apropriando-se desses símbolos desenvolveu um outro conhecimento, agora intuitivo, afetivo e não metódico de conhecimentos e de problemas. A partir do momento em que o cangaço foi aceito como símbolo, e como tal foi pensado e repassado, afastou-o de sua realidade histórica e de suas referências no tempo e no espaço, contidas em documentos e depoimentos.

*"A realidade histórica não é integralmente utilizada na formação dos símbolos, o que interessa para tal formação, (...) é salientar as características que lhe sejam úteis para reforçar a solidariedade interna das coletividades ...".<sup>39</sup>*

Após a formação do símbolo e sua aceitação no imaginário popular, qualquer tentativa de derrubá-lo com informações que denegririam a sua imagem, serão rebatidos e justificados "*na própria perspectiva do mito: o cangaceiro era cruel, feroz, perverso, porque a sociedade em que vivia era profundamente injusta*".<sup>40</sup>

<sup>36</sup> Ibidem. p.66.

<sup>37</sup> Ibidem. p.67.

<sup>38</sup> Ibidem. p.67.

<sup>39</sup> Ibidem. p.68.

<sup>40</sup> Ibidem. p.68.

### Capítulo 3 - ANÁLISE E CONFRONTO DAS IDÉIAS DOS AUTORES

Os latifúndios locais exerceram fortíssima pressão sobre os pequenos cultivadores, muitas vezes apropriando-se de suas terras, forçando os camponeses a trabalhar em seus latifúndios. Segundo Francisco Alencar (1985), no início do século XX foi feito um censo constatando que das 648.153 propriedades rurais existentes no país, cerca de 4% constituíam-se latifúndios de mais de mil hectares, ocupando uma área equivalente a 60% do total das terras.

Essa “maré” de expropriações, principalmente entre 1890 e 1920, explicaria em parte a grande quantidade de movimentos messiânicos, milenaristas e a violência das lutas camponesas na região Nordeste. Manoel Correia de Andrade, citado por Costa, é de opinião que:

*"Os camponeses, espoliados da posse da terra e do produto de seu trabalho, procuraram outros caminhos. Alguns místicos, refugiaram-se na religião e se organizaram em comunidades sob a direção de um beato, passando a viver em função do 'Reino de Deus', que terão após a morte; outros, mais enérgicos, quando vítimas de injustiças, vingavam-se de seus opressores".<sup>41</sup>*

Segundo Hobsbawm<sup>42</sup>, o banditismo social é um fenômeno universal e praticamente imutável, pouco mais é do que um endêmico protesto camponês contra a opressão e a pobreza, um grito de vingança contra os ricos e os opressores, um vago sonho de conseguir impor-lhes alguma forma de controle, uma reparação de injustiças individuais. Suas ambições são modestas, um mundo tradicional no qual os homens são tratados com justiça, e não um mundo novo e perfeito. Hobsbawm obrigatoriamente não discorda das interpretações messiânicas sobre o fenômeno, simplesmente ele se deteve mais sobre a origem social, que nesse caso concorda com a posição de Manoel Correia de Andrade, citado por Costa. Torna-se epidêmico, e não endêmico quando uma sociedade camponesa, que não conhece melhores meios de defender-se, enfrenta uma situação de tensão e ruptura anormais. O banditismo social quase não tem organização e ideologia, sendo totalmente inadapável aos modernos movimentos sociais. Suas formas mais

<sup>41</sup> COSTA, G. Profetas do Nordeste. p.63.

<sup>42</sup> HOBBSAWM, E. Op. cit. p.238.

desenvolvidas que se aproximam da guerra nacional de guerrilhas são raras e, em si mesmas, pouco eficiente.

Para Hobsbawm<sup>43</sup>, o banditismo é uma forma bastante primitiva de protesto social organizado, talvez o mais primitivo que conhecemos. Ele sai do eixo da população rural em momentos em que ela se acha oprimida e sem meios políticos atualizados para reverter esse quadro. A cumplicidade, que se dá devido ao camponês estar do mesmo lado do "bandido" ou seja, do lado dos oprimidos e do lado contrário da política e das leis, e até o apoio das populações de onde saíram os bandidos é tanto, que por se perceberem do mesmo lado político da questão essas populações além de não colaborarem com os poderes constituídos para prender e coibir as práticas e os bandidos, os ajudam e protegem.

Outro motivo exposto pelos autores consultados é a vingança a alguma desfeita ou à morte de algum parente, no qual tenha o agressor ficado impune pela injustiça. Para piorar a situação, bastavam as partes envolvidas serem inimigas políticas. Normalmente essas situações terminavam com a morte de uma ou mais pessoas envolvidas e com a passagem para a margem da lei do(s) autor(res) do crime ou da "vingança".

Vale ressaltar que normalmente tornava-se fora-da-lei o infrator que não fosse do lado político dominante da região porque, se fosse, os coronéis ou políticos protetores dos seus "capangas"<sup>44</sup> iriam interferir nas atribuições da lei e o caso seria dado por encerrado.

A educação e a formação dos indivíduos do Sertão, nas condições de vida que levavam, fizeram do homem do sertão um homem forte e como tal, não levava desaforo para casa, facilitando a sua entrada em brigas e discussões que geralmente acabavam em morte e conseqüentemente alguém, se não fosse protegido dos poderosos, entraria para o "hall" dos fora-da-lei. O cangaço teria surgido, segundo relato expresso em forma de livro por uma ex-cangaceira chamada Sila<sup>45</sup>, como movimento pré-revolucionário, tendo como participantes *"os camponeses injustiçados, oprimidos e marginalizados pela lei"*<sup>46</sup>, pois essa lei foi feita pelos poderosos e para os poderosos.

---

<sup>43</sup> Ibidem p.22.

<sup>44</sup> Ver nota nr 11.

<sup>45</sup> SOUZA, I. Sila. p.136. Ilda, cujo apelido era Sila, presenciou a vida de Lampião ao seu lado, desmentindo a crítica de muitos autores sobre Lampião, relata que este era um homem justo e firme, conforme o sertão o formara.

<sup>46</sup> Ibidem. p.18.

Apesar da autora colocar o movimento como pré-revolucionário, ela explica que naquele período os cangaceiros não tinham consciência nem lutavam em prol de uma revolução, eles apenas lutavam por justiça e para sobreviverem no sertão<sup>47</sup>.

Também ligado a economia Chandler<sup>48</sup> lembra que com o fim da guerra civil da América do Norte, diminuem as exportação brasileiras principalmente o algodão coincidindo com a queda do mercado açucareiro. Embora com resguardo, o autor levanta a possibilidade desses fatores econômicos, somado ao aumento da população sertaneja, terem gerado o fenômeno do cangaço.

De fato, esses fatores aliados contribuíram para seu surgimento, mas pelas críticas de outros autores, esses dois motivos teriam no mínimo, que se juntar à questão do monopólio das terras e às questões político-sociais.

Mais adiante Chandler<sup>49</sup> complementa dizendo que não seriam apenas as causas econômicas as responsáveis pelo surgimento do cangaço, mas também a fragilidade das instituições responsáveis pela lei, ordem e justiça. Os maiores prejudicados nesses jogos do poder foram os camponeses, que continuavam sem ter acesso a estas instituições. Maciel<sup>50</sup> dá outra visão para o aparecimento do cangaço vinculado às oligarquias. Diz que os “coronéis” sentiram falta de policiamento para proteger suas terras e seus currais, como o Estado não cumpria essas necessidades, decidiram eles mesmos criar suas milícias particulares para proteger suas terras e solucionar as questões internas com os vizinhos. Essas milícias eram formadas por cangaceiros mansos ou capangas (nos dias atuais poderíamos chama-los de mercenários). Apoiado pelo governo, essas milícias muitas vezes estiveram a serviço da polícia. Esses cangaceiros mansos, por vários motivos, principalmente injustiças sofridas, abandonavam seus grupos de origem e agrupavam-se em outros, agora de cangaceiros bravos, considerados fora-da-lei. Que lei? A lei que estava do lado do “coronel”, cujos homens praticavam atrocidades tal qual os “foras-da-lei”, porém com cobertura política oficial.

De fato, quando aparecem as formas organizadas e dentro da legalidade de se protestar contra a ordem das coisas, propriamente uma contestação política, ficam obsoletas e desnecessárias as formas primitivas de protesto na visão de Hobsbawm, porque

---

<sup>47</sup> Ibidem. p.18.

<sup>48</sup> CHANDLER, B. Op. cit. p.25.

<sup>49</sup> Ibidem. p.25.

<sup>50</sup> MACIEL, F. Op. cit. p.52.

além de serem mais eficazes, estão dentro da lei. Por outro lado, essas formas organizadas de protesto foram colocadas e ajustadas dentro da lei para que inclusive os protestos pudessem ser controlados pelo Estado.

A oscilação entre mito e realidade, entre fato histórico e projeções coletivas não desaparecerá das análises socio-históricas posteriores ao fenômeno. Facó em *Cangaceiros e Fanáticos*, 1965, vai influenciar toda uma geração de pesquisadores da USP. Na trilha de Hobsbawm, considera o cangaceiro como um bandido social, encontrando sua origem na estrutura fundiária do país. Seu objetivo é demonstrar que enquanto os movimentos milenaristas constituem uma forma passiva de luta, o cangaceirismo representa uma forma ativa de combate contra a opressão do latifúndio. Aqui o cangaço é símbolo da luta pela reforma agrária.

Poucas obras superam a dimensão simbólica de Lampião e integram a problemática da violência. Maria Isaura Queiroz abre múltiplas perspectivas para a pesquisa. Fauzi, inscreve o fenômeno do cangaço em um processo de reconstrução do poder tradicional que se remodela a fim de garantir a hegemonia dos grupos dominantes. O controle da violência, escapando ao controle dos grupos dominantes, permitia a constituição de bandos nômades que se impuseram por um tempo como uma “terceira força social”. Mello aponta elementos essenciais à compreensão do fenômeno distinguindo duas categorias de cangaceiros, a dos que eram movidos pela vingança, que uma vez lavada sua honra se retiram da vida nômade (caso de Sinhô Pereira, primeiro chefe de Lampião) e os ditos “meios de vida”, composto por bandos cujos membros se destacam das lutas de parentelas sem jamais cumprir a vingança, passando a viver do saque e do roubo.

A partir dos anos 80, na contracorrente da imagem do bom cangaceiro, vai se desenvolver uma historiografia claramente marcada por uma valorização negativa, que ainda não escapa à oposição entre adversários e partidários de Lampião. Assim, Alfredo Rodrigues em tese de Livre Docência na USP, em 1985, se esforça em demonstrar a desumanidade de Lampião e o sadismo dos cangaceiros. Também Chiavenato, *O Cangaço, a Força do Coronel*, 1990, quer romper com o mito do rebelde primitivo e explora a aliança entre cangaceiros e membros do poder, concluindo que Lampião não era mais do que um bandido sanguinário a serviço dos chefes locais. São atribuídos a Lampião, pelos estudiosos, as qualidades de bravo belicoso, perverso e cruel. Chiavenato qualificava Lampião de terrorista e astuto guerrilheiro. Em sua vontade de desmistificação, Chiavenato reduz o cangaceirismo de Lampião ao fruto de pura barbárie e

interpreta a integração das mulheres ao bando como uma revolução feminista, apesar dos testemunhos contrários de ex-cangaceiras<sup>51</sup> ainda vivas. Neste conjunto de leituras o cangaceiro é revolucionário, bandido social, justiceiro e guardião dos valores morais ou terrorista, vilão sem escrúpulos e monstro sanguinário.



---

<sup>51</sup> Uma parcela tardia e menor de que se tem notícia é das mulheres no cangaço, no grupo de Lampião, segundo Antônio Anaury Corrêa de Araújo em seu livro *Lampião as mulheres e o cangaço*, 1985. Elas apareceram lá pelos anos de 1930, quando o bando já não mais percorria os sete estados do nordestinos, e ficavam circunscritos entre Bahia e Pernambuco, muitas são originárias de Sergipe, único estado em que o bando de Lampião realmente encontrava paz, e onde a população e até os políticos lhe davam tregua, em troca, suas incursões nesse Estado eram muito poucas. Lampião abriu o primeiro precedente, quando Maria Bonita veio acompanhá-lo no grupo. Outras mulheres entraram para o bando após contatos amorosos com integrantes do grupo e para não perde-los, com apelo desses, entravam para o bando agora misto. Poucas foram as esposas que cumpriram o juramento de seguir seus maridos nas horas boas e más, porém elas existiram segundo Araújo(1985:381). Souza(1984:136) em seu livro *Sila: uma cangaceira de Lampião*, narra como entrou para o cangaço aos 12 anos, teria sido tomada como esposa de Zé Sereno, um dos cabras de Lampião e com ela foram junto três irmãos, provavelmente movidos pelo desejo de protegê-la e estimulados pela oportunidade de se tornarem cangaceiros.

## CONCLUSÃO

Observamos durante nossas leituras que a bibliografia baseada nas fontes analisa muito pouco as questões sobre as origens da cangaço, dando mais importância aos estudos bélicos das guerras, das prisões, das mortes e das disputas políticas e familiares ocorridas no período do cangaço. Talvez por isso a corrente de pensamento, em sua maioria, veja os cangaceiros como produto inevitável de uma sociedade sem lei, contestando o ponto de vista popular que afirma ser este banditismo rural, uma forma de protesto social contra a pobreza, as injustiças, a ignorância e a fome do camponês do sertão nordestino brasileiro.

Mantendo nossa hipótese de trabalho inicial, observamos que existe uma base econômica e social dos setores envolvidos no cangaço que é determinante para a compreensão do fenômeno e que a sua construção mítica, ou seja, a imagem do cangaço como parte de um momento revolucionário fundamental para a identidade brasileira, trata-se de uma construção ideológica. O cangaço é constantemente associado a banditismo (atividade realizada por bandidos) portanto, baseado nos textos estudados, observamos que essa premissa é falsa pois existiram naquele período diversas ações realizadas pela polícia, pelos políticos e pelos coronéis que eram verdadeiras atrocidades, as vezes mais perversas que as realizadas pelos cangaceiros, e nem por isso os políticos ou coronéis foram chamados de bandidos pela historiografia oficial. Portanto, bandido não pode ser sinônimo de pobreza, marginalidade e muito menos de cangaceiro. É certo que a maioria dos cangaceiros eram pessoas de origem humilde, mas acontecia que mesmo vindo da pobreza, para muitas pessoas esse não foi o fator preponderante por se decidir pela vida no cangaço.

Podemos atribuir às Capitânicas Hereditárias e às concessões de Sesmarias, que no futuro deram origem aos latifúndios (muitas vezes improdutivo), parcela da responsabilidade pelo surgimento do banditismo social. Nos reportando a bibliografia existente, iremos encontrar mais informações a respeito do cotidiano e das lutas e muito pouco sobre as origens do cangaço e de seus adeptos.

Com a República, as oligarquias ascendem ao poder em seus âmbitos locais e regionais, passando a controlar a máquina político-administrativa e construindo mecanismos para garantir sua perpetuação no poder, pois essa era a essência do Coronelismo.

Alguns movimentos brasileiros dos séculos XIX e XX estão ligados diretamente a questão social e movidos pelo lado místico-religioso das classes pobres, principalmente do sertão do Nordeste Brasileiro entretanto, esses movimentos visavam mais uma forma de sobreviver dignamente do que uma forma de protesto contra a ordem social vigente. O tratamento dispensado pelo Governo e suas ações militares a esses agrupamentos organizados de camponeses pobres e famintos que estavam dando a volta por cima e estavam conseguindo sobreviver e prosperar sem a ajuda governamental, revela o temor das classes dominantes à organização e à libertação do homem do campo, o eterno escravizado. Contra essa libertação do camponês valiam todas as armas e estratégias de acusações, e até os massacres eram justificáveis.

O banditismo é uma forma bastante antiga de protesto social. Ele sai do eixo da população rural em momentos em que ela se acha oprimida e sem meios políticos atualizados para reverter esse quadro. Conforme Hobsbawm, o banditismo é um fenômeno pré-político e sua força estaria na proporção inversa da força dos movimentos revolucionários agrários organizados do socialismo ou comunismo.

Outro motivo exposto por quase todos os autores consultados para o ingresso no cangaço, e que ainda hoje vigoram nas regiões mais longínquas do sertão nordestino é a vingança. Além da vingança, o nosso atraso econômico, uma componente natural do nosso processo evolutivo, foi outro motivador aliado às políticas governamentais de apoio ao Nordeste. A República que sucedeu ao Império, criou uma máquina política que ao se instalar nos sertões iria garantir que o “Coronel” local votasse a seu favor. Em troca os “Coronéis” tinham garantido a não interferência do Estado em seus domínios. A criação da República veio piorar as condições do sertanejo que antes contava com o apoio e a proteção do “Coronel” que tinha força suficiente para isso. Com a descentralização criada pela República, os potentados do Sertão tiveram seus poderes fragmentados, com isso os agregados desses potentados temiam não mais poder contar com a justiça imposta por esses coronéis às comunidades, devido ao enfraquecimento do seu poder. Por outro lado, as instituições do Estado eram notoriamente fracas no Sertão e incapazes de exercer suas funções sem sofrer influências das facções locais que contavam com o apoio do Estado. Quando aparecem as formas organizadas e dentro da legalidade de se protestar contra a ordem das coisas (contestação política), ficam obsoletas e desnecessárias as formas primitivas de protesto, na visão de Hobsbawm, porque além de serem mais eficazes estão dentro da lei. Por outro lado, essas formas organizadas de protesto foram colocadas e

ajustadas dentro da lei para que inclusive os protestos pudessem ser controlados pelo Estado.

A seca no passado, assim como nos dias atuais, foi um meio de controle das populações pobres do interior nordestino, os latifundiários e os políticos conseguiram através da "Industria da Seca" controlar e manipular a mão-de-obra e o voto.

Uma parte da bibliografia consultada deixa transparecer a insatisfação da população rural em relação aos cangaceiros, fazendo cair por terra a idéia de cangaceiro bom e justo. Essa concepção do cangaceiro como bandido perverso se deve ao fato de terem existido ataques e saques de maneira indiscriminada a coronéis e a população em geral, e o fruto desses saques serem distribuído de maneira desigual dentro do bando, seguindo as mesmas atitudes paternalistas da maioria dos coronéis da época.

Foi com o Pré-Modernismo (1900-1920), movimento artístico e literário, que se firmou a idéia do cangaço, onde temos como exemplo a obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões*. Porém, certos fatos foram repassados de maneira romântica e tendenciosa, seguindo tendências literárias ou políticas.

Além dos motivos acima citados, tivemos vários outros fatores que, aliados, contribuíram para o surgimento do cangaço, entre eles temos o fim da guerra civil da América do Norte diminuindo as exportação brasileiras principalmente o algodão, coincidindo com a queda do mercado açucareiro, a questão do monopólio das terras, as questões político-sociais e o aumento da população sertaneja diminuindo as reservas alimentares e aumentando a reserva de mão-de-obra, fazendo com que ela se desvalorizasse ainda mais.

Observamos ao longo de nossas análises, que em dado momento as duas correntes de pensamento estudadas se cruzam ao negarem que o banditismo social e o cangaço tenham surgido como um impulso do sertanejo a praticar desordem e terror por uma opção macabra de vida. Pelo contrário, ambas concordam que esse fenômeno surgiu como reflexo do sertanejo ao que a sociedade e as circunstâncias lhes impunha, ou seja, como produto do meio onde viviam ou como forma de contestar e protestar contra o que lhes era imposto, sem opções de mudança.

Ao conjunto das obras estudadas, nos parece faltar um estudo sólido das mentalidades, uma análise aprofundada das condições sócio-econômicas e políticas da região, especialmente em uma perspectiva histórica. O que são esses pequenos proprietários que saem da legalidade para restabelecer sua honra perdida? Como eles

teciam suas redes de sociabilidade? Quais os critérios que lhes permitia pensar a si mesmos e o mundo ao seu redor? Existia um processo histórico de reestruturação da sociedade, ao nível econômico, social e político que permitia a aparição dos bandos nômades? Quais? Estes bandos, seriam eles uma tentativa desesperada de permanecer em uma sociedade que estava em vias de se desintegrar? Por qual novo mecanismo de controle e de integração se impediria uma reaparição destes bandos, se as violentas lutas entre as famílias continuassem a dilacerar o Sertão?

**BIBLIOGRAFIA**

01. ABREU, Márcia de. **Cordel, história ou ficção**. Campinas: [s.n.], 1994.
02. ALENCAR, Francisco. **História da sociedade brasileira**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.
03. ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa de. **Lampião: as mulheres e o cangaço**. São Paulo: Traço, 1985.
04. BACHELARD, G. **Terre et rêveries du repos**. Paris: PUF, 1988
05. BARROSO, Gustavo. **Heróis e bandidos**. [S.l.]: Alves, 1917.
06. BASBAUN, Leôncio. **História sincera da república: das origens a 1889**. 3. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1968.
07. \_\_\_\_\_. **História sincera da república: de 1889 à 1930**. 3. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1968.
08. CARCERES, Florival. **História geral**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.
09. CARVALHO, Rodrigues de. **Serrote Preto: Lampião e seus sequazes**. Rio de Janeiro: Senegra, 1974.
10. CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião rei dos cangaceiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
11. CORREA, Antônio Amauri, **Assim morreu Lampião**. [S.l.: s.n.], 1976.
12. COSTA, Gutemberg. **Gotas de sangue num mar de lamas: visão histórica e sociológica do cangaço**, [S.l.: s.n.], 1982.
13. \_\_\_\_\_. **Profetas do Nordeste**. Natal: Clima, 1994.
14. CUNHA, Euclides da. **Os sertões: campanha de Canudos**. 2. Ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.
15. FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1976.
16. FAUZI, Artur Saker. **Pelo espaço do cangaceiro Jurubeba**. São Paulo: Símbolo, 1975.
17. HOBBSAWM, Eric J. **Rebeldes primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX (1959)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
18. LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. 5. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.

19. LINHARES, Maria Yedda L. et al. **História geral do Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
20. LINS, Valdemar de Souza. **Os cangaceiros de Lampião e o IV mandamento**. [S.l.: s.n.], 1977.
21. LUNA, Luís. **Lampião e seus cabras**. [S.l.: s.n.], 1963.
22. MACIEL, Frederico B. **Lampião: seu tempo e seu reinado: as origens**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
23. \_\_\_\_\_. **Lampião: seu tempo e seu reinado: a guerra de guerrilhas (fase de vinditas)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
24. \_\_\_\_\_. **Lampião: seu tempo e seu reinado: a guerra de guerrilhas (fase de domínio)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
25. \_\_\_\_\_. **Lampião: seu tempo e seu reinado: a campanha da Bahia (Maria Bonita, Ezequiel e Virgínio)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
26. \_\_\_\_\_. **Lampião: seu tempo e seu reinado: o apogeu do domínio (a tragédia de Angico/a coroa do rei)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
27. \_\_\_\_\_. **Lampião: seu tempo e seu reinado: lampiônidas (a imagem de Lampião)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
28. MELLO, Frederico Pernambucano de. **Os guerreiros do sol: o banditismo no Nordeste do Brasil**. Recife: Massangana, 1985.
29. OLIVEIRA, Aglea Lima de. **Lampião cangaço e Nordeste**. [S.l.: s.n.], 1970.
30. PANG, Eul-Soo. **Coronelismo e oligarquias 1889-1943**. Rio de Janeiro: Brasileira, 1979.
31. PECAUT, Daniel. **Entre le Peuple et la Nation, les intellectuels et la politique au Brésil, Maison de l'Homme**. Paris, 1989.
32. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Notas sociológicas sobre o Cangaço, **Revista Ciências e Culturas**, São Paulo, v:27, p.495-516, 1975.
33. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Os cangaceiros: tous bandits d'honneur**, Julliard. Paris, 1968.
34. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do cangaço**. 2. ed. São Paulo: Global, 1986.
35. RODRIGUES, Alfredo. **O Cangaço na obra de Lins do Rego**. São Paulo, 1985. Tese (Livre Docência)-FFCL-USP.

36. ROSADO, Vingt-Un(Org.). **Memorial da seca**. Mossoró: FUNDAÇÃO GUIMARÃES DUQUE, 1981. (Coleção Mossoroense, v. 168).
37. SILVA, Francisco de Assis. **História do Brasil**: colônia, império, república. São Paulo: Moderna, 1992.
38. SILVA, Janice Theodoro da. **Raízes da ideologia do planejamento**: Nordeste(1889-1930). São Paulo: Ciências Humanas, 1978.
39. SILVA, Patrícia Sampaio. **Le symbole et ses diverses résonances**: analyse de l'historiographie du Cangaço. [S.l.: s.n.], 1996. <http://www.sigu7.jussieu.fr/hsal/equipe/pss.html>
40. SOUZA, Ilda Ribeiro de, ORRICO, Israel Araújo. **Sila**: uma cangaceira de Lampião. São Paulo: Traço, 1984.
41. WIESEBRON, Marianne. Historiografia do cangaço e estado atual da pesquisa sobre o banditismo a nível nacional e internacional. **Revista da SBPH**, v. 9, p.45-61,1994.